

O MEU PAÍS É O QUE O MAR NÃO QUER

CASA DA ESQUINA 2015/2016

O PROJETO

Este espetáculo documental que nasceu da minha estadia em Londres em 2013 enquanto bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e é construído a partir do meu relato pessoal incidindo nos testemunhos de emigrantes portugueses qualificados recolhidos através de entrevistas, cartas, fotos e e-mails. Estes testemunhos são de pessoas que conheci em Londres e que tiveram de sair do nosso País devido às medidas de austeridade da TROIKA e do Governo Português, ou que deixaram o País por vontade própria mas que agora não conseguem regressar por falta de perspetivas de futuro no país de origem.

É a minha estória, a história de uma geração dividida entre partir e ficar.





O projeto foi apresentado publicamente a 10 de Julho de 2013 em Londres na LISPA (London School of Performing Arts).

Em 2014 foi desenvolvido e testado em residência no LAC (Lagos) em Agosto, e estreou no Festival de Teatro Cena Contemporânea em Matosinhos, tendo ficado 3 semanas em temporada em Coimbra na Casa da Esquina.

A ideia deste espetáculo é que seja modular e que incorpore ao longo da temporada mais testemunhos para lançar um debate alargado sobre a emigração portuguesa qualificada nas últimas décadas e refletir sobre a importância da memória, da identidade e da arte como espaço de resistência.

EQUIPA ARTÍSTICA

CRIAÇÃO: Ricardo Correia

ESPAÇO CÉNICO e DESENHO EM TEMPO REAL: Filipa Malva

MISTURA DE SOM: João Gaspar e Ricardo Correia

MÚSICA: La La La Ressonance

DIRECÇÃO TÉCNICA e DESENHO DE LUZ: Jonathan de Azevedo

PRODUÇÃO executiva: Sara Seabra

DESIGN: Fábrica Mutante

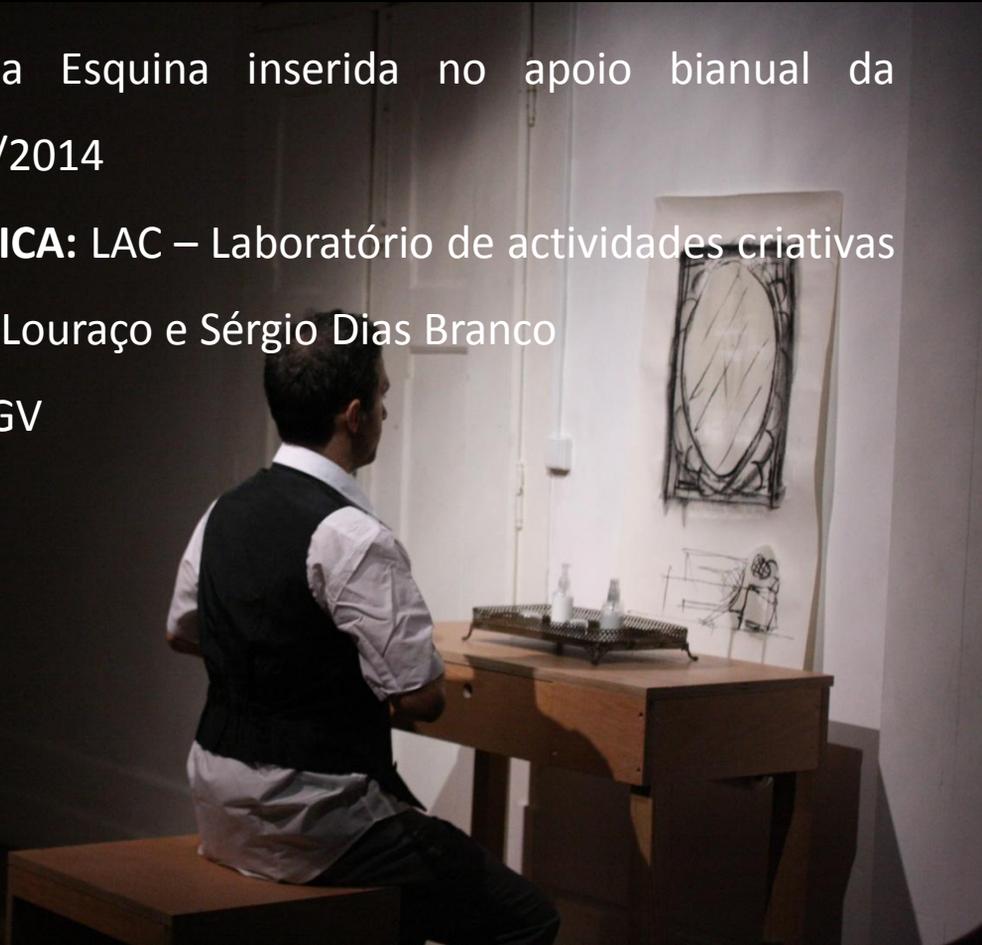
FOTOGRAFIA: Filipa Alves

FRENTE DE CASA: Adiana Silva

Produção: Casa da Esquina inserida no apoio bianual da
DGARTES/SEC 2013/2014

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA: LAC – Laboratório de actividades criativas
com apoio de Jorge Loureiro e Sérgio Dias Branco

CO-PRODUÇÃO: TAGV



**DOCU
MENTA
ÇÃO**

Drama dos que “não têm nada à espera em Portugal” sobe ao palco

Encenador português está a preparar em Londres uma peça de teatro sobre as narrativas dos jovens “obrigados a permanecer no exílio” da emigração

ANTÓNIO LARGUESA
alarguesa@negocios.pt

As frustrações, aspirações e ligações à pátria de dezenas de jovens portugueses empurrados para o “exílio” estrangeiro, de onde não podem regressar, subirão aos palcos em Abril de 2014, quando estreiar a peça “O meu país é o que o mar não quer”. A epopeia forçada desta nova vaga de emigração será registada por Ricardo Correia, que a partir (e durante) a sua experiência em Londres arrolou testemunhas de um drama que “antes era invisível e distanciado, e agora é dos filhos e dos amigos”.

“A minha terra é uma grande estrada/que põe a pedra entre o homem e a mulher/O homem vende a vida e verga sob a enxada/O meu país é o que o mar não quer”. Assim termina o poema “Morte ao meio dia”, em que Ruy Belo (descreveu “um bocadinho desta amargura” quando estava fora deste País que “não trata bem as pessoas”, censurou o encenador. Dele roubou o título para a peça de teatro que registará as narrativas de quem foi empurrado fronteira fora ou saiu de livre vontade, mas é agora “obrigado a permanecer neste exílio”.

“É tudo muito empírico. Quero contar a minha história, dos outros que encontrei cá e nos últimos dois anos, devido à austeridade, saíram para estudar ou trabalhar, querem regressar e não têm nada à espera em Portugal”, apontou ao **Negócios** o encenador de 35 anos, natural de Barcelinhos. “É urgente falar disto e dar-lhe outro olhar porque o que se vê nos media é a emigração de sucesso, e não estes casos tão escondidos”, acrescentou, em entrevista telefónica a partir de Londres.

A estreia do espectáculo está agendada para Coimbra e deverá circular pelo País, por ser uma realidade próxima para cada vez mais

É urgente falar disto porque o que se vê nos media é a emigração de sucesso, e não estes casos tão escondidos.

RICARDO CORREIA

Actor e encenador (Londres)

gente. E até “cabe numa circulação internacional”, perspectivou Ricardo Correia, que encontrou reflexos desta “geração sacrificada” nos amigos espanhóis, italianos e franceses.

Formado em Ciências da Educação, em 2002 começou a trabalhar como actor em Coimbra, onde após cinco anos fundou a Casa da Esquina – que em 2012 perdeu 38% dos apoios públicos – e deu aulas no Politécnico, de onde foi despedido. Em Janeiro, saiu pela primeira vez “a sério” para “agarrar a oportunidade” gerada por uma bolsa para estudar na “London International School of Performing Arts”. Este exercício final é, por isso, e antes de mais, autobiográfico. De alguém que ouviu o pessimismo na origem perguntar “porque não ficas aí?”, mas a quem “apecece participar para que haja uma mudança real no País”.

“A determinada altura não sabes se ficas ou voltas, onde é o teu caminho. As coisas estão tão mal que ficas dividido. E fui encontrando gente amargurada com o País, pela forma como ele tem sido dirigido, com os números à frente das pessoas. Fui encontrando muito estas coisas”, sentenciou Ricardo Correia, antes de deixar cair o pano.



O exercício final de Ricardo Correia em Londres pretende mostrar as frustrações dos jovens emigrantes.



A enfermeira Joana Pedroso, que foi obrigada a começar a carreira em Paris, está agora a trabalhar no Algarve.

França

Experiência difícil de Joana deu-lhe um lugar em Portugal

A 18 de Novembro de 2008, três meses após concluir o curso de Enfermagem, Joana Pedroso meteu a mochila às costas e voou para o “futuro incerto de trabalho garantido” em Paris. No dia seguinte, já com contrato assinado, estava na Clínica Ambroise Paré, onde, “por sorte”, foi acolhida por uma tunisina casada com um espanhol, que a ajudava nas traduções. Com casa, transporte e aulas de francês pagas, ao fim de um mês já dava “a integração por completa”.

“No entanto, embora o começo lá fora tenha sido simplificado,

não é fácil a barreira linguística, falarem contigo e nada perceberes. Ao mesmo tempo, trabalhei com gente de todo o mundo, culturas tão diferentes, mas tendo em comum a procura de uma vida melhor”, relatou a enfermeira. “Não é fácil quando há uma mistura tão grande. No meio dos franceses soube na íntegra o que é a xenofobia. Não é agradável”, acrescentou, ao recordar um “processo de aculturação complicado, doloroso”.

Frisando que “ninguém abandona a área de conforto apenas porque sim” – teve de sair para co-

meçar a trabalhar na emigração –, Joana regressou por “razões de coração na bagagem” “experiência” que aqui, em Coimbra, seria bastante difícil, amigos, aventura, porta aberta em Paris”, pois conseguiu trabalhar no Hospital de S. Camilo, no Alentejo, a uns “belos quilómetros em Prado (Vila Verde)”, falar a [sua] língua, com a vida a dois, sol e uma equipa fantástica, que se tornou um salário agradável de P.

IMAGENS DE ENTREVISTAS CONDUZIDAS EM LONDRES /JUNHO 2013

O QUE SENTISTE NO 1º DIA EM QUE CHEGASTE AO REINO UNIDO?



CASA DA ESQUINA - ASSOCIAÇÃO CULTURAL

A Casa da Esquina está situada numa casa no centro de Coimbra e promove uma programação anual com o objetivo de criar um pólo cultural de criação e experimentação em articulação com várias organizações e criadores nacionais e internacionais em torno do espaço da Casa e da Cidade.

PRODUÇÕES:

Occupy – Teatro Sem Cortes/13 - Espetáculo/reunião com textos de autores contemporâneos sobre o estado do capitalismo, crise financeira e movimento Occupy ;

Cidades Secretas/Secret Cities/12 – Espetáculo site-specific com recolha de testemunho sobre as cartografias afectivas entre as cidades de Newcastle e de Coimbra;

Senti um Vazio/12 – Espetáculo site-specific a partir da autora contemporânea Lucy Kirkwood;

All My Independent Women/10 - Exposição coletiva de 40 artistas sobre Feminismo, comissariada por Carla Cruz;

Exercícios de botânica/08 – Espetáculo/visita guiada pelo jardim botânico de Coimbra a partir da documentação das memórias reais e fictícias daquele espaço.

Chambres Rooms Zimmers/08 - Áudio-walk na cidade de Coimbra, que explorava a identidade da cidade de Coimbra com um percurso áudio através do quotidiano da cidade.